

Illustração Portuguesa

DIRECTOR: Carlos Malheiro Dias — Propriedade de J. J. da Silva Graça — DIRECTOR ARTISTICO: Francisco Teixeira

Assignatura para Portugal, colonias e Hespanha	Assignatura conjunta do Seculo, Supplemento Humoristico do Seculo e da Illustração Portuguesa	PORTUGAL, COLONIAS E HESPAÑA	
Anno.....	4\$800	Anno.....	8\$000
Semestre.....	2\$400	Semestre.....	4\$000
Trimestre.....	1\$200	Trimestre.....	2\$000
		Mez (em Lisboa).....	700

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFFICINAS DE COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Rua Formosa, 43



Summario

Capa: O SR. CAPITÃO ROÇADAS E TRES OFFICIAES DA EXPEDIÇÃO (feliché da photographia Vasques).
 Texto: O SR. JOÃO FRANCO POR DENTRO, 20 illust. • A SESSÃO REAL DE ABBERTURA DAS CORTES EM 1842, 6 illust. • COMO SE ATTRAE O ESTRANGEIRO: O QUE DEVE FAZER-SE, 144 illust. • DE REGRESSO DA HAYA: DESEMBARCA EM LISBOA A FIGURA PRIMACIAL DA CONFERENCIA, 75 illust. • ALFARRABISTAS, 5 illust.

NÃO COMPREM NENHUMA SEDA

Sem pedir antes as amostras das nossas altas novidades garantidas e solidas e Especialidades: **estofos de sedas para trajes de casamento, de baile, de soirée e de passeio**, bem como para **blusas, forros, etc.**, em preto, branco e cor, de 1 fr. 20 a 18 fr. 50 e metro. **Vendemos directamente aos particulares** e enviamos aos domicílios **francos de porte**, os estofos esculpidos.

SCHWEIZER & C. A.
LUCERNE Z. 20 SUÍÇA

Exportação de sedas



Seios

Desenvolvidos, reconstruídos, alformoseados, fortificados com ******* as *******

Pilulas Orientaes

O unico producto que em dois mezes assegura o desenvolvimento e a firmeza do peito sem causar danno algum á saúde. Aprovado pelas notabilidades medicas.

J. Raté, Ph. S, Passage Verdau, PARIS. Frasco com instruções, **1\$500 rs.** Franco para vale do correio, enviado a **J. P. Bastos & C., 38, R. Augusta, LISBOA**

Companhia *** DO *******

Papel do Prado

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas do Prado, Marianista e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Leuzã), Valle Maior (Albergaria-a-Velha).

**** Escriptorios e depositos ****

LISBOA — 270, Rua da Princesa, 276
PORTO — 49, R. de Passos Manuel, 51

Ender. telegr.: Lisboa, Companhia Prado. Prado—Porto—Lisbon, N.° telephon. 505



PARFUM **FLORAMYE**
L.T. PIVER
PARIS

Instituto de beleza

UNICA casa do mundo para o tratamento do rosto, hygiene, beleza e conservação da juventude. Productos scientificos invisíveis aprovados pelo Laboratorio Municipal de Paris. Apparehos e productos contra a obesidade e contra a excessiva magreza.

Agua e crèmes para branquear a pelle das mãos, luvas e apparehos para o seu aformoseamento. Quem quizer conservar e embellecer a cor empregue todas as manhas os maravilhosos productos:

Tintura vegetal garantida e inoffensiva. Locção capilar para evitar a queda dos cabelos e para impedir o embranquecimento, dando-lhe a sua cor natural. Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pellos e fazendo-os desaparecer completamente.

O INSTITUTO DE BELLEZA deseja ter agentes nas principais cidades da Europa, preferindo casas perfumistas ou cabeleireiros para effectuarem a venda dos seus productos. Depositos em todas as principais cidades da França, da Europa, Estados Unidos da America e no Cairo.

O Instituto de Belleza lecciona e dá curso de tratamento e embellezamento da pelle. Programma e condições. Envia-se catalogo geral a quem o requisitar.

26, Place Vendôme, 26 — PARIS

Locção, Crème e PÓ KLYTIA

Instruções para o seu emprego o embranquecimento, dando-lhe a sua cor natural. Depilatorio perfumado com extracto d'ervas do Oriente (rosa) para evitar os pellos e fazendo-os desaparecer completamente.

PRINCIA VIOLET

NOUVEAU PARFUM VIOLET 29, B. des Italiens, PARIS



AGUA CASTELLO

ASSIS & C. LISBOA

PREMIADA em varias EXPOSICOES e FORNECEDORES da CASA REAL



SABÃO REAL DE THRIDACE

PARIS Sabão "V. loutine"

Gaston Lot

PROTHESE DENTARIA

EXTRACÇÃO do dentes sem dor desde se os re-colocação de dentes desde 1\$000 réis.

Consultorio chirurgico-dentario, R. das Chagas, 42,1. (Ao Calhariz)

TELEPHONE 1.882

Farinha lactea Nestlé

PREÇO 400 RÉIS

36 medalhas de OURO incluindo a conferida na EXPOSIÇÃO AGRICOLA DE LISBOA



O sr. presidente do conselho em trabalhos electoraes, na sala do Conselho de Estado

O sr. João Franco por dentro

A «ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA» ENTREVISTA O PRESIDENTE DO CONSELHO E OÙVE AS CURIOSAS IREVELAÇÕES D'UM SEU AMIGO DE INFANCIA

A rua da Emenda, de que o conselheiro de Estado, presidente do conselho de ministros, deixou de ser um dos moradores illustres, é das poucas ruas aristocraticas da antiga Lisboa occidental. A's onze horas da manhã reina ali uma doce tranquillidade provinciana, como ao meio dia e á noite; serena paz propicia a quem, sem se afastar do coração da capital, quizer isolar-se do movimento e do ruido. A'quella hora cruzam-se raros os transeuntes e, apressadas e curiosas, assomam a uma ou outra janella criadinhas galantes, para alegrarem os pulmões e os olhos, aproveitando o recolhimento das senhoras que começam a entregar-se ás mysteriosas e graves tarefas do tocador. Nas vidraças da residencia presidencial descobrem-se da rua os vestigios dos quadradrinhos brancos dos escriptos. Aquelle palacete, de modesta apparencia, já agora historico, tera dentro em breve novo inquilino. E que lendas se não forjaram em torno d'este episodio banal! Houve quem aventasse que, receosos da possibilidade d'uma grande catastrophe, os moradores da rua da Emenda tinham feito chegar ás mãos do proprietario do predio uma petição, recheada de solemnes e irrespondiveis considerandos, para que desse ordem de despejo ao chefe do governo, quando afinal tudo se resumiu em evitar não que o sitio fosse theatro d'uma pavoro-

sa tragedia, que mentes desvaivadas pretendesseni levar a cabo, mas que a saude do sr. João Franco viesse a sofrer com a permancia n'uma habitação que, talvez excellente para um morador vulgar, nunca o seria para quem leva a vida de trabalho afanoso e extenuante que sobre os seus hombros pesa. Não foram os visinhos que impuzeram ao senhorio o despedimento do dictador,— foram os medicos que prescreveram ao primeiro ministro a mudança para seu beneficio pessoal. . .

A's onze horas da manhã, quando eu, avido de conhecer o sr. João Franco por dentro, transpõno o limiar da ampla porta, o correio a cavallo e o guarda de segurança palestram no vestibulo e olham-me com a natural indifferença de quem está habituado a ver subir e descer aquelles lanços de escadas toda a sorte de personagens, familiares ou exoticas, desde o poderoso czacique de Stuzle, em Traz-os-Montes, ao espiavado e louro reporter d'uma qualquer gazeta britannica, que todos, como eu, se julgam, ousadamente, no direito de se avistar com o presidente do conselho e de lhe propôr perguntas a que elle, de bon rostro, ha ide responder, embora esteja sacrificando o seu precioso tempo, que lhe não sobeja para os arduos negocios publicos. . .

A pequena sala de espera da casa da rua da Emenda estava



O presidente do conselho falando na festa escolar de Pólvora



O sr. presidente do conselho, no seu gabinete da rua da Emenda, com o dr. Henrique Schindler e o collaborador da Illustração Portugueza

longe de fazer supôr a fortuna attribuida ao chefe do governo, que uns dizem ser fabulosa e outros hypothetica, no que ninguem acertou, mas que, evidentemente, se não exteriorisa nos moveis tão simples e tão aproveitados que orna-

vam o aposento. Um sofá, uns *fauteuils* forrados de juta. Um piano vertical, sobre cuja estante se amontoam partituras: *Polenta*, a tragedia lyrica de Donizetti; a *Carmen*, de Bizet... N'uma meza de jogo, a edição polyglotta da *Zara*, de Anthero de Quental, e um pequeno album, *Souvenir de Lisboa*, com photographias do Asylo de Mendicidade... Nada mais. Emquanto o criado particular me annuncia e aguardo o momento de passar à presença do pri-

meiro ministro, ouço com prazer um dos seus intimos, fieis, apaixonados amigos que m'o começa mostrando como eu desejo apreciar-o, — não nas suas idéas politicas, não nos seus planos de governo, hoje universalmente di-

vulgados quasi em tantas linguas como o poemeto de Anthero que vejo sobre a meizinha a que me apoio, mas no seu viver intimo, nos seus processos de trabalho, nos seus gostos, nas suas afeições, nos seus entretimentos...



O sr. João Franco, sua esposa e sua cunhada em villegiatura no Alcaide
(CLICHÉ DO SR. VISCONDE DO ALCAIDE)

O DIA DO PRIMEIRO MINISTRO ♣ A NINGUEM SE NEGA ♣ COMO INSPIRA OS SEUS JORNALAS E LÊ OS DA OPPOSIÇÃO ♣ O ABSTEMIO

E eis o que ouvi e mais me aguçou a intensa anciedade de



O primeiro ministerio do sr. conselheiro João Franco
 Da esquerda para a direita: conselheiros Luiz de Magalhães,
 Malheiro Reymão, Vasconcellos Porto, Ayres d'Ornellas, (sentados) José Novaes, João Franco e Ernesto Schröber
 (CLICHÉ DA PROT. BOBONE)



O primeiro dia do presidente
 O sr. João Franco sahindo de casa para
 o paço — 19 de maio de 1906

entrever, sob um aspecto novo e ainda não revelado pelos mens confrades insignes, o unico homem publico portuguez cujo nome e cuja acção lograram, bem ou mal, nos ultimos annos, prender as vigilantes attentões da imprensa europeia :

— O conselheiro João Franco é matinal. A's sete e meia está a pé e entrega-se desde logo á labuta de todos os dias. Succedem-se as recepções de auctoridades superiores do districto e das pro-

vincias, influentes politicos, pretendentes, commissões de classes e amigos que elle prima em não deixar de acolher e de ouvir, para que não julguem que o deslumbra a emineucia da posição social e que é hoje diverso do que foi hontem, por ser chefe do governo. Quotidianamente recbe tambem, de manhã e á tarde, quando lhes não fala pelo telephone, se porventura o serviço aperta, os directores dos dois jornaes que na imprensa traduzem a sua opinião e orienta-os sobre a defeza e sobre o ataque, porque, como se sabe, os órgãos do governo, abolindo velhas praxes, se não circumscrevem apenas á defeza, mas são combatentes fogosos como os mais aguerridos dos seus adversarios. A leitura da imprensa opposicionista, no que lhe

possa interessar, é facilitada ao presidente do conselho pelos côrtes que do mais ponderoso e digno de nota lhe faz um dos seus secretarios particulares. Da sua correspondencia só toma conhecimento ddirecto quando motivos especiaes o reclamam, o que é 3 frequente. Do resto communicam-lhe o essencial. De ordinario não escreve, preferindo dictar, porque d'este modo poupa tempo e pre-



O sr. presidente do conselho
 na historica jornada do Porto
 — 17 de junho de 1907



Em pleno apostolado liberal—13 de janeiro de 1904
(Photographia tirada no Porto por ocasião da missão de propaganda do actual presidente do conselho e em que se vêem reunidos alguns dos mais fiéis partidários do sr. João Franco)

Da esquerda para a direita: conselheiros Teixeira de Vasconcellos, Luiz de Magalhães, Martins de Carvalho, Luciano Monteiro, Pinto de Mesquita, João Saraiva, Antonio Vianna, (sentados) José Nogueira, João Franco e Meilo e Sousa
(CLICHÉ DA PHOT. BIKL.)

serva a sua saúde, que se resente da vida sedentária e da quasi immobilidade que exige o trabalho de carteira. Esquece-se das refeições, quando está occupado, e não é caso singular o de o surpreenderem as quatro horas da tarde sem almoço. Não bebe vinho. Não fuma... Depois de jantar, trabalha quasi sempre até alta noite, se as obrigações do cargo não impõem a sua presença na corte ou na sociedade... Não dorme mais de cinco a seis horas, mas os seus sonhos são profundos e reparadores...

O SR. JOÃO FRANCO, CHEFE DE FAMILIA O REFUGIO DE S. FRANCISCO DE PAULA O BILHAR, PEDESTRIANISMO E MUSICA

Chefe de familia extremoso e exemplar, o chefe do governo ama o cantinho da sua casa, — proseguiu o obsequioso franquista. Quando se lhe proporciona o ensejo, compraz-se em se refugiar uns momentos na austera residencia de madame Schindler, sua respeitavel sogra, em S. Francisco de Paula, alheando-se da administração e da politica. Com sua esposa, dama distinctissima, modelo de predicados domesticos, espirito de requintada cultura, virtuosas do piano e delicada compositora, e com suas cunhadas que igualmente se notabilisam pelos primores do character e da illustração, o conselheiro João Franco encontra n'esse delicioso *at home*, cheio de terna simplicidade, a distração e o repouso de que carece e que são justos. O prazer do parenthesis aberto nas fadigas da governação publica augmenta e redobra se está presente o «sen pequenos». — Frederico, o filho unico, a quem adora e cujos triumphos academicos são um dos seus maiores orgulhos...

O presidente do conselho não joga, a não ser o bilhar... Conhece-se a sua afeição á esgrima, mas talvez se não saiba que é um valente pedestreanista. No Alcaide, em Cintra, em Cascaes, um dos seus maiores gostos é percorrer largas distancias a pé. O bucolismo da aldeia natal sedulo-

Em Cintra, nos jardins da bella vivenda de sua sogra ou pelas apraziveis e deleitosas mattas circumjacentes causa o mais dextro companheiro. Em Cascaes, um longo passeio a pé á Bocca do Inferno e estrada da Guia fóra, na

escuridão d'uma calida noite de estio, palestrando com um amigo, encerra para elle um particular encanto. Em Carnide, na fidalga residencia de sua cunhada, a sr.^a condessa d'este titulo, encontra, igualmente, um dos seus caros retirios. Nos tempos do ostracismo de correram-lhe ali, onde a miude se congrega toda a familia, horas satisfeitas, n'um isolamento feliz. A vasta, opulenta propriedade offercia tão extensas ruas ás suas pernas infatigaveis, como claros horisontes e amenas srmbras á sua meditação. Na agilidade e no *entrain* confundia-se com seu filho e com seus sobrinhos, os Arriaga Street, filhos da condessa, estudantes laureados como o primo... As noites passava-as quasi sempre a ler os seus auctores predilectos...

— E as inclinações litterarias e artisticas do presidente do conselho, tantas vezes postas em duvida? — inquiri...

— A musica enthusiasma-o. Tem uma affectuosa sympathia, genuinamente portugueza, pela guitarra... Quanto ás suas afeições litterarias...

... O criado, annunciando que o sr. conselheiro João Franco me aguardava no seu gabinete, interrompeu o panegyrico eloquente e caloroso do meu interlocutor, seu amigo de infancia. Despedi-me com milhares de agradecimentos por tanta coisa inedita, exclamando, soffrego:

— Das suas afeições litterarias, falar-me ha elle proprio...



As primeiras eleições do sr. João Franco
O sr. presidente do conselho lendo os telegrammas da provincia na sala do conselho de Estado
—19 de agosto de 1906



Em flagrante
O sr. presidente do conselho nas ruas do Porto



O sr. João Franco em 1864
(PHOT. AMERICANA.)

uma cadeira de espaldar, de couro pegado; na parede, dominando essa cadeira que é o favorito assento do estadista, avultam os retratos de Fontes e Carlos Lobo de Avila. Na parede fronteira ao *hureau-ministre*, sobre o qual se vê a photographia do filho amado, trajando a capa e batina universitarias, um magnifico grande retrato-busto do pae do presidente do conselho, a quem este venera e a quem, em plena rua, respeitosa e oscula na mão e na face, hoje como hontem. Sobre uma cadeira um elegante estojão, que sem duvida contem qualquer preciosidade, e, espreitando d'entre os volumes das estantes, capas e fitas azues e brancas de mensagens, que são outros tantos trophes de jornadas e pugnas politicas. A ordem que em tudo se manifesta, a arrumação intelligente da sua secretária, onde apenas se vê aberto um numero da *Illustração Portuguesa*, mostram que o chefe do governo acabava de entrar e que nem se sentara ainda.

— O que quer dizer isto? perguntou-me, na sua voz metálica, o conselheiro João Franco, apontando para a pagina da *Illustração* onde, sob o titulo de *Quinto custon a liberdade*, se estampam as effigies de D. Pedro IV, Mousinho da Silveira e a sua propria...

Comparei-me, n'aquelle momento, ao estudante a quem o professor colhe de surpresa, em branco. Não lera o artigo; não reparara, ao menos, nos retratos que o illustram. Mas accudiu-me responder sinceramente o que pensava:

— Creio que com o medalhão de Mousinho o auctor anonymo marca o inicio das liberdades publicas e com o de v. ex.^a a morte das mesmas liberdades...

O chefe do governo, com um breve, mal perceptível sorriso, replicou:

— Sim. Cuido que é o que se pretende insinuar...

UM VICIO DO
ROTATIVISMO
OS NERVOS
E A LENDA DA
MORPHINA
O SANGUE-
FRIO EM
VEZ D'UM TY-
RANNO UM
AFFECTIVO
A LENDA DE
TIMOR

O primeiro ministro está de pé, no seu escriptorio que duas janellas illuminam, escriptorio burguez mas confortavel, onde se accumulam, com os livros e os papeis, numerosas photographias de pessoas de familia, velhas affeições, correligionarios fervorosos. Entre duas estantes repletas,



O sr. João Franco
em 1871 — (PHOT. DE LUIZ
D'ALBUQUERQUE)

O incidente inesperado não agura a boa disposição de espirito em que me pareceu achar-se o dictador, em cujo acolhimento descerimonioso, terra-a-terra, não ha sombra dasunctuosas, calculadas maneiras d'um diplomata, nem existe a pose arrogante que poderia dar-se quem de tão discrecionarios poderes se encontra investido. E' no trato intimo o homem mais simples d'este mando. Sentou-se na cadeira do costume, gentilmente prompto a sujeitar-se ao meu interrogatorio...

Manifestei desejos de conhecer a distribuição do tempo do primeiro ministro e se elle, tão affleçado aos costumes inglezes, se cingia porventura a um horario.

— Impossivel uma tabella, — disse. — O chefe do governo ha de ouvir a todos e ha de pôr-se ao corrente de tudo. Habito ruim da ultima phase do rotativismo e que não é facil desenraizar de prompto. Tendo de attender a tanta gente que me procura e que me desgostaria não receber; precisando de trabalhar, com a collaboração dos meus collegas, em negocios da mais alta monta, com a presteza quasi vertiginosa que as circunstancias exigem de nós, — como poderia sujeitar-me a um horario? Desde que, proveniente de Coimbra, desembarquei no Rocio para vir formar gabinete, sendo acolhido com morras, á lei de 13 de fevereiro, até hoje, decorridos dezoito mezes, nunca deixei de ter pela frente adversarios que acceimam por dificultar-me a acção e aggravam assim a intensidade do meu esforço...

— Mas, segundo a lenda, não se apazigua em v. ex.^a a exuberancia de nervos, que precisam de ser acalmados com injeções de morphina...

— Absolutamente inexacto. Nunca recebi taes injeções, nem sequer no periodo mais agudo das minhas neuralgias, consequencia d'uma enfermidade gastrica de que

me restabeleci lá fora. Succedeu um dia que a violencia das dores me fez perder os sentidos. Pois bem; não me passou pela cabeça a idea de recorrer á morphina para attenuar o soffrimento... De resto, saiba que sou um homem reflectido e sereno. Nunca me exalto nem perco a flegma nos momentos mais criticos. A exuberancia de nervos tenho-a, ás vezes, nas pequenas cousas, mas vi-me algum dia na camara, ao ser a seditado sem descauto pela opposição, in-

O sr. João Franco
em 1875
(anno da sua formatura)
(PHOT. ALBUQUERQUE)

terromper um orador, ainda que com um gesto de colera ou de despeito? Uma vez, em Cintra, dirigia-me da estação á minha residencia, quando os cavallos da carruagem, sem governo, tomaram á desfilada. Medi, friamente, a grandezza do perigo que podia correr, prompto a saltar se elles, ao bifurcar-se ao caminho, seguissem por aquelle onde o risco de vida era imminente. Antes, poi-



O sr. Frederico Schindler Franco,
filho do sr.; presidente do conselho
e alumnus laureado da Universi-
dade.



O sr. João Franco
aos 30 annos
(PHOT. CAMARCS)



O sr. João Franco no adro da capella de S. Macário

rém, a lança foi quebrar-se, em plena praça — ainda existia o velho mercado — de encontro a uma carroça. A parolha embrolhou-se. Apeei-me. Tomei a minha bengala, os meus papeis, as minhas queijadas e segui para a casa dos Pisões como se nada houvesse succedido. Minha mulher estranhou vê-me chegar a pé, mas só mais tarde soube o que acontecera e que lhe fôra vedado adivinhar, mercê da minha impassível serenidade, real e não apparente. O meu pulso bate sempre com a mesma pancada regular e rythmica. Veja. .

Tacteei o forte pulso dictatorial e isochrono e o chefe do governo proseguiu, sorrindo:

— A lenda da morphina é como a lenda de Timor. Divulgon-se tambem que eu mandára muita gente nas ultimas semanas para aquella possessão. Sob a minha palavra de honra lhe digo que é falso. Não foi ninguem para Timor, o que não significa que deixasse de haver quem

talvez o merecesse. . . Em summa, eu não sou um tyranno, como alguns asseveram, mas um affectivo. Prendo-me pelo coração, e asseguro-lhe que teuo amigos dedicados, que correspondem á minha amizade e que dariam por mim até o sangue e a vida, desinteressadamente. . .

AS LEITURAS DO ESTADISTA SHAKESPEARE, MUSSET, MOMMSEN...
UM MONÓLOGO DO «RICARDO III»

Interroguei o primeiro ministro sobre se não adoçava a rudeza enorme da sua absorvente, esmagadora tarefa no convívio de quaesquer auctores queridos. Todos temos o poeta, o romancista, o historiador cuja leitura é um manjar espiritual que nos tonifica a alma. . .

— Não me resta agora occasião para outras leituras que não sejam as indispensaveis á elaboração das reformas em que estou empenhado — retorquii. Mas tenho lido e leio muito. Auctores dilectos? O assombroso Shakespeare acima de todos. . .

Entre os historiadores, Mommсен, o eruditissimo romanophilo — morro por elle, o meu Mommсен, — diz, indicando-o na estante. Macaulay, o Taine. Toda a obra magistral do Taine. Dos grandes romancistas francezes, o psychologo e estylista Flaubert e o risonho Daudet. Entre os poetas Musset, o da delicadeza, o do sentimento, o das mulheres. Dos norsos, Eça e Camillo, João de Deus, Garrett e Junqueiro. Ramalho Ortigão, o prosador e o critico, admiro-o tanto mais quanto elle ter sido, durante muitos annos, um profissional que viveu exclusivamente das letras. . .

Fez-se uma pausa. Indaguei dos sociologos. O conselheiro João Franco falou-me, a proposito, de Spencer e de Littré. . . Tornei a Shakespeare. Qual das tragedias do colosso inglez preferia?



Vista geral do Alcaide
(Vê-se ao longe a torre da igreja onde foi baptisado o sr. conselheiro João Franco)
(PHOT. DO SR. VISCONDE DO ALCAIDE)

— Eu sei! Todas ellas me enthusiasmam por egual. Não seleccionarei, porque todas a garra do genio, cuja espantosa intuição a critica moderna regista admirada, assignalou de excepcionaes bellezas.

O dictador foi a uma das estantes. Ao acaso, tirou o *Ricardo III*.

— Recordemos um dos soberbos monologos do rei. E' uma maravilha. Na sua tenda, — lembra-se? — Ricardo acorda d'um medonho pesadello. Sumira-se o cortejo de phantasmas que o tinham vindo de increpar, lançando-lhe em rosto as suas maldades e protervias: — os phantasmas do principe Eduardo, de Henrique VI, de Clarence, de Rivers, de Grey, de Vaughan, de Hastings, da rainha Anna, de Buckingham. O rei, como em delirio, fala...

... E o presidente do conselho, de pé, na sua severa, habitual *toilette*, de talhe inglez, com um ardor juvenil, quasi declama, n'uma das traducções francezas, o monologo da tragedia shakespeareana:

— « *Donnez-moi un autre cheval! Pensez mes blessures! Ay z pitié, Jésus! Doucement, je révais seulement. O là-he conscience, comme tu me tourmentes! Les flambeaux brûlent bleus. Nous sommes maintenant au plein milieu de la nuit. De froides gouttes d' sueurs, arrachées*



O sr. Frederico Franco, pae do sr. presidente do conselho

(CLICHÉ BIEL).



O sr. presidente do conselho trabalhando com o seu secretario o sr. Pedro Gaivão

par l'effroi, perlent sur ma chair tremblante. Eh bien! Est-ce que j'ai peur de moi? il n'y a personne d'autre ici que moi. Richard aime Richard et je suis bien là, moi avec moi. Y a-t-il un meurtrier ici? Non; oui; je suis ici: alors fuions. Fuir de moi-même? et pour quelle grande raison? De peur de me venger? Quoi! me venger de moi sur moi? hélas! je m'aime moi-même. Et pourquoi me venger? pour un peu de bien que je me suis fait à moi-même? Oh, non, hélas! je me hais plutôt moi-même pour les actions odieuses commises par moi-même! Je suis un scélérat: cependant, non, je mens, je n'en suis pas un. Soit, parle bien de toi-même: sois, ne te flatte pas. Ma conscience parle mille langues diverses: et chacune de ces langues me fait un récit différent, et chacun de ces récits me condamne comme un scélérat. Le parjure, le parjure au plus haut degré, le meurtre sous la forme la plus cruelle, tous les crimes différents commis sous toutes les formes, s'entassent devant le tribunal, criant tous: Coupable, coupable! Je dois désespérer: il n'y a pas une créature qui m'aime; et: je meurs, pas une âme n'aura pitié de moi: et pourquoi auroient-ils pitié, puisque moi je ne trouve en moi-même aucune pitié pour moi-même. Il m'a semblé que les âmes de tous ceux que



O conselho de ministros reunido na sala do Conselho de Estado, no dia 21 de dezembro, para a redacção definitiva da reforma da Camara dos Paves

J'avais assassinés s'approchaient de ma tente, et que chacun lançait sur la tête de Richard la menace de sa vengeance pour demain...

Enquanto nervosamente, vibrando de commoção, o presidente lia esta formidável pagina, em que se recorta a psycho-pathologia inteira d'um caracter, eu pensava na sua reputação de ignorancia, de desapego às coisas do espirito, de quasi antipathia ou enfado pelas letras e pelas artes, reputação que lhe crearam certamente adversarios que nunca entreteram os seus ocios na leitura de *Antônio e Clópatra*, de *Romeu e Julieta* ou de *Timon de Athens*. O sr. João Franco adivinhou-me no olhar a surpresa:

— Ah! acredite que amo a boa, a authentica litteratura... — E, repondo na estante o seu Shakespeare, passou a falar-me de Musset. Depois da violencia tragica, o refinamento lyrico. Memorou, de relance, as aventuras da que foi baroneza Dadevant com Jules Sandeau, de cujo appellido, como todos sabem, proveiu o pseudonymo immortal da Sand; a ligação successiva da escriptora gloriosa com o poeta e, alludindo à influencia decisiva que o rompimento na viagem à Italia exercera na evolução do auctor admiravel das *Nuits* e de *Jacques Rolla*, dignou-se ler-me algumas das maguadas estrophes do *Souvenir*, para me testemunhar o seu culto por esse excellentissimo artista que elle confessa preferir a Victor Hugo. Devolvendo o volume ao seu lugar, o dictador, como quer que os seus olhos penetrantes se fixassem nas lombadas dos grossos tomos da escolhida bibliotheca, tornou a accentuar o seu gosto pelo estudo da Historia. A esse estudo, criterioso, demorado e attento, attribue magna parcella na formação do seu caracter, na orientação das suas idéas, na perseverança das suas energias moraes...

A LENDA DO MATA-GATOS ◊ A ESCRIMIA POR HIGIENE
◊ A MENSAGEM DO BRAZIL

Dos estudos historicos derivou naturalmente a conversa para os primeiros estudos. Aos oito annos vinha da sua aldeia do Alcaide para Lisboa fazer os preparatorios. Quando concluiu a formatura em direito, era o mais novo dos estudantes do seu curso. Os saudosos tempos de Coimbra! Com uma alegre bonhomia, que ninguem supportará na figura do dictador, sobranceira aos mais tumultuosos embates, o conselheiro João Franco corrigiu outra das lendas em que o envolvem:

— Chamam-me para ali o *Mata-gatos*, filiando a denominação em imaginarios gaticidios nocturnos, perpetrados quando frequentei a Universidade. Olhe que é uma graciosa invenção! Fui apenas um rapaz azougado como tantos outros, turbulento e rixoso se quizerem, que dei e levei, mas não tenho na consciencia o remorso das culpas que entendem carregar-me...

O temperamento combativo do presidente do conselho affirmára-se, pois, desde os bancos da escola. Offereceu-se-me a occasião de lhe falar no seu affecto ao *sport* das armas.

— E' o unico que tenho cultivado, esclareceu. Antonio Martins foi meu mestre de esgrima. Hoje pratico-a, duas ou tres vezes por semana, quando os meus affazeres o consentem, com Franco Vega. Mas, actualmente, faço-a menos por *sport* do que por preceito hygienico que a medicina me recommenda.

... Soava a campainha telephonica. As visitas an-

nunciavam-se umas após outras. A curiosidade crescente do reporter, mau grado o seu empenho, não podia prevalecer às momentosas questões da administração e da politica. Foi posto ponto na entrevista presidencial, mas n'uma cousa me ficaram os olhos e era ella o cofre luxuoso que eu à entrada vira n'uma cadeira. O celebre homem de Estado não me deixou sair sem me mostrar o que esse estojo continha. Foi carinhosamente buscal-o, pôl-o sobre a sua secretaria, pateenteou-m'o sem vaidade e abysmei-me na contemplação da menagem de saudação e applauso de trinta mil portuguezes residentes no Brazil, com as suas refugencias de viro, as suaves tintas das suas illumiuras, a infindavel serie de nomes de compatriotas firmando esse documento, magnificamente impresso, e que veio popularisar um vocabulo grego em Portugal: *Thalassa, thalassa*, — o mar, o mar...

FADADO NO HERÇO ◊ A PROPHECIA DO MYSTERIOSO FORRE-PEDINTE

A saleta de espera estava cheia. O amavel franquista, que tanto facilitara a minha missão com desvendar-me pormenores intimos do chefe do governo, lá se encontrava, aguardando pacientemente a sua vez. Não me dissera tudo, muito mais tinha a dizer-me. Resumirse-hia, porém, a um caso apenas, — famoso caso esse! O sr. conselheiro João Franco fôra fadado no herço... E assim me contou, com a convicção de quem transmite uma verdade proveniente das fontes historicas mais limpidas, sancionada pelos mais idoneos testemunhos, o episodio estranho de ha cinco-enta annos, cujo conhecimento só hoje transpõe o restricto ambito familiar:

— Foi n'um dia rigoroso da segunda quinzena de fevereiro de 1855. Da residencia do Alcaide era conduzido a baptisar à igreja parochial o filho unigenito do sr. Frederico Franco, e que poucos dias de existencia ainda contava. O pequenino neophyto ia ao collo da comadre, acompanhado por seu pae, pelos padrinhos, talvez por outros parentes ou amigos da casa. Apareceu um pobre implorando esmola, mas que não se restringiu à costumada lamuria. Ergueu a voz, em ar prophetic, e vaticinou aquelle que ia receber sobre a fronte

as aguas que isentam da culpa original um lugar eminente e uma acção preponderante no futuro. De regresso da igreja, ao depôr junto do leite da mãe, ainda não restabelecida do parto, a creancinha, a comadre referia-lhe o agradável vaticinio... Mandou pressurosamente a senhora pelo mendigo, para o agasalhar e decerto para ouvir da sua propria bocca a repetição da prophesia, mas o pedinte mysterioso não tornára a ser visto no logar e ninguem dava conta do rumo que seguira...

... Os scepticos rir-se-hão piedosamente dos que n'estas cousas se atrevem a vér significação mais alta do que a minima que possuem. Os iconoclastas e os mythologos hão de classificar a minudencia biographica com a cruzada scientifica de que usam em situações semelhantes. A coincidência, porém, é impossivel negal-a, porque não resta duvida de que se cumpriram os fados...

AVELINO DE ALMEIDA.

(CLICHÉS DE BENOLIEL)



A mensagem enviada pela colonia portugueza do Rio de Janeiro ao sr. presidente do conselho

A SESSÃO REAL DE ABERTURA

«Durante a minha residência em Lisboa, teve lugar a abertura das camaras. Todos aguardavam este dia com a maior expectação, principalmente por ser a primeira vez que se reuniam os deputados depois da restauração da Carta, e a primeira vez que funcionava a camara dos pares depois de uma interrupção de seis annos. As eleições tinham sido ministeriaes por uma grande maioria; porém, apesar d'isto, parecia não se ter estabelecido ainda uma confiança universal. Espalhavam-se noticias aterradoras, falava-se em uma sublevação dos anarchistas, e até se propagavam receios acerca da condição futura das gerarchias mais elevadas, noticias que encontravam echo tanto maior, quanto é certo que nos paizes convulsamente agitados ha quasi sempre uma grande predisposição para aceitar como provavel o extraordinario. Muitas per-



A Rainha

Quando deve ter lugar esta solemnidade, remove-se a cadeira do presidente e em seu lugar se estabelece um throno com baldaquino. Os pares occupam o lado direito do throno, e os deputados collocam-se á esquerda; o intervalo do meio fica livre

para o prestito real. As duas tribunas do lado do throno são reservadas para a corte e para o corpo diplomatico; as das tres outras paredes são (destinadas para o publico) n'estas, assim como nas outras, entra-se só por meio de bilhetes. A tribuna diplomatica achava-se muito cheia, circumstancia que seguramente foi notada por todos, visto que seria muito difficil observar o mesmo nos annos anteriores. Occupavam o primeiro logar os habitos talarés de monsignor Capaccini. A sua intelligente physionomia tinha a expressão da maxima tranquillidade e benevolencia, e por detraz d'elle via-se o rosto expressivo e ascetico do abade Wizzardelli; junto a Capaccini achava-se o diplomata da Austria com seu uniforme branco e com um semblante já quasi meridional. A pouca distancia lord Howard sorria indifferentemente e olhava para toda a parte: cheio de satisfação, enquanto o magro e comprido pescoco e o rosto de abutre de Aguilhar, co agente de Espartero, procuravam approximar-se d'elle. Tive o gosto de vêr tambem ali as côres nacionaes da minha ppatria, em um chefe de missão recentemente chegado e conhecido por

Na manhã do dia 10 de julho, com um tempo magnifico, dirigimo-nos através das ruas por onde devia passar o cortejo, que se achavam ornadas ricamente e apinhadas de immenso povo. De muitas janelas pendiam alcatifas e fluctuavam bandeiras com as novas côres nacionaes (1). O traje hungaro do conde Teleky attrahia muitas vistas curiosas, e algumas extremamente formosas. Na maior parte das ruas formavam alas a tropa de linha e guarda municipal, e ambas rivalisavam em elegancia. As côrtes reúnem-se em S. Bento, antiga abbadia

(1) As antigas côres nacionaes, azul e encarnado, foram na ilha Terceira mudadas em azul e branco, para evitar equívocos principalmente nas bandeiras, por isso que as primeiras tinham sido conservadas pelos miguelistas.



O duque da Terceira, presidente do conselho

para o prestito real. As duas tribunas do lado do throno são reservadas para a corte e para o corpo diplomatico; as das tres outras paredes são (destinadas para o publico) n'estas, assim como nas outras, entra-se só por meio de bilhetes. A tribuna diplomatica achava-se muito cheia, circumstancia que seguramente foi notada por todos, visto que seria muito difficil observar o mesmo nos annos anteriores. Occupavam o primeiro logar os habitos talarés de monsignor Capaccini. A sua intelligente physionomia tinha a expressão da maxima tranquillidade e benevolencia, e por detraz d'elle via-se o rosto expressivo e ascetico do abade Wizzardelli; junto a Capaccini achava-se o diplomata da Austria com seu uniforme branco e com um semblante já quasi meridional. A pouca distancia lord Howard sorria indifferentemente e olhava para toda a parte: cheio de satisfação, enquanto o magro e comprido pescoco e o rosto de abutre de Aguilhar, co agente de Espartero, procuravam approximar-se d'elle. Tive o gosto de vêr tambem ali as côres nacionaes da minha ppatria, em um chefe de missão recentemente chegado e conhecido por

grande entendedor em bellas-artes, e em um joven e elegante secretario desembarcado havia pouco e filho de um celebre professor. A Suecia, Dinamarca, Belgica, Hollanda, Brazil e Sardenha (julgo que não esqueço nada) tinham tambem ali os seus representantes; e um rapaz adorado, e de cabello louro, representava a França, segundo me disseram. Passados poucos momentos, entrou a imperatriz na tribuna diplomatica para se dirigir á que lhe era destinada: o seu mordomo-mór, o marquez de Rezende, um homenzinho velho carregado de condecorações, tinha a honra de a acompanhar. Trazia um vestido de luto cravejado de diamantes e ao peito o retrato de D. Pedro circundado dos maiores brilhan-tes. Tinha-se já reunido grande numero de deputados; uns estavam sentados junto ás suas banquetas, outros agrupados em torno dos seus chefes. Muitos traziam os seus uniformes militares, os membros dos tribunales vinham com as suas becas negras, os ecclesiasticos com habitos talares, e outros vinham de casaca. Todos pareciam affectar uma certa liberdade de maneiras e contrastavam singularmente com a solemne gravidade dos pares, que se sentavam circumspectamente nas suas cadeiras, ou passeavam ostentosamente com seu antigo trajo hespanhol de velludo preto e de arminhos—verdadeiros ou falsos. Hoje em dia é muito difficil trajar com dignidade vestidos da idade-média, sem se tornar ridiculo, porquanto é muito facil passar de um a outro extremo e semelhar ou um principe de theatro, ou um cabide de fato; e é tambem o que acontece aos bons pares portuguezes, com poucas excepções; a estas pertence inteiramente o duque da Terceira. Ostentava-se como a antiga imagem de algum grande guerreiro da corôa, que deposita inteira confiança na sua espada e nos que a ella estão subordinados.

O duque de Palmella pareceu-me tambem apresentar-se magestosamente: tinha tido a precaução de mandar elevar algum tanto mais a sua saliente cadeira de presidencia; contudo talvez teria sido prudente fazer forrar de novo aquella cadeira, cujo velho estoffo verde azulado estava já gasto e desbotado. Muito tempo antes da abertura, sentou-se o noble duque com toda a distincção no seu logar; o grande collar do Tosão de Ouro balouçava-se-lhe pomposamente sobre as rendas que lhe cingiam o pescoço e os arminhos que lhe cobriam os hombros e sobre o céu estrellado de condecorações que lhe pendiam ao peito. Proximo a elle estava o seu cunhado, o conde de Villa Real, com uma physionomia distincta e uma testa elevada e deserta de cabellos. Em vão procurei com a vista o mais gentil de todos os pares, aquelle em quem esse trajo devia

produzir um effeito magnifico. O marquez de Loulé, com os vestidos dos grandes de Philippe II, pareceria decerto um Buckingham, ou o benquista de todas as rainhas galanteadoras dos tempos feudaes. Infelizmente não se achava presente, e só mais tarde me foi possivel vêr esse portuguez admiravelmente bello e verdadeiramente perigoso, e então se tornou claro para mim como elle tinha enlouquecido tantas cabeças femininas. Contemplámos por a gum tempo a variegada multidão, que se achava na sala, onde a estreita passagem do meio parecia separar o intervallo de tres seculos, quando alguns tiros de peça annunciaram a saída da Rainha. Correram todos a occupar os seus logares; muitos que se achavam nos corredores e salas adjacentes entravam apressadamente na sala, e todas as vistas se dirigiam para os dois chefes do gabinete, que n'aquelle momento

iam tomar as suas cadeiras ministeriaes. O duque da Terceira estava tão tranquillo e senhor de si, como se estivesse no campo de batalla em frente do inimigo: nos olhos, na expressão, em toda a figura do outro parecia haver um turbilhão que punha em actividade toda a sua organisação.

Finalmente um certo movimento e um breve sussurro denunciou a aproximação das personagens reaes. Levantaram-se todos immediatamente, appareceram na porta central os porteiros da camara com as suas maças de prata; seguiram-se logo, 'dois a dois, os reis d'armas, e os seus passavantes com trajos da cor do decimo quarto seculo, os grandes officiaes da casa real, as damas de honor da Rainha, a bandeira nacional, a espada real e as mais insignias do paço, que eram levadas pelos respectivos officiaes da corôa. A Rainha appareceu então com um vestido de cauda cor de rosa, de riquissima seda, bordado a matiz e ouro, e litteralmente co-



Duque de Palmella, presidente da camara dos pares

berto com a mais pomposa pedraria de ambos os hemispherios. Um diadema e uma pequena corôa de brilhantes adornavam a sua joven cabeça. Deu o braço a El-Rei, e visivelmente se conhecia estar agitada. Atravessou a sala com a maior dignidade, subiu ao throno e collocou-se á direita. O Rei occupou um logar ao lado d'ella; trazia a farda portugueza de marchal de campo e as condecorações régias das tres ordens militares reunidas. Os adornos militares ficam muito bem á sua estatura alta e bella figura. Quando a Rainha se sentou, Costa Cabral aproximou-se ao throno, curvou o joelho e apresentou a Sua Magestade o discurso do throno. A Rainha leu-o em voz alta, a principio algum tanto commovida, e logo depois com toda a segurança; é o seguinte:

«Dignos pares do reino e senhores deputados da na-



Costa Cabral, ministro do reino, com os arminhos de par

ção portugueza. — O voto nacional espontaneamente manifestado n'estes reinos Me determinou, em desempenho do mais sagrado dever, a declarar em vigor, como lei fundamental do Estado, a Carta Constitucional da monarchia, outorgada por Meu Augusto «Pae de saudosa memoria. E' vossa missão consolida-la; e Eu confio em que a desempenhareis. Continuo a receber dos Soberanos meus alliados satisfactorias demonstrações de amizade e harmonia; e não cessa o Meu governo de procurar estender as nossas relações politicas e commerciaes.

«Com plena satisfação minha «Vi chegar a esta cõrte o intermunicio de Sua Santidade. «As muitas virtudes e luzes do Summo Pontifice são mui seguro penhor de concordia e de que a egreja Lusitana, sem quebra das prerogativas da corõa, que o Meu governo ha de sempre manter, gosará da paz de que tanto se carece para a conservação da ordem publica e tranquillidade das consciencias. E' tambem com prazer que vos Annuncio haverem egualmente chegado a esta cõrte e terem apresentado as suas credenciaes aos representantes do Rei da Prussia e do de Sardenha.

«Estão assignados e vos serão presentes immediatamente, depois de ratificados, dois tratados que celebrei com Sua Magestade a Rainha da Grã-Bretanha; um d'elles para a expressão do trafico da escravatura; o outro para firmar as mutuas relações de commercio e navegação. O orçamento da receita e despesa para o corrente anno economico vos será apresentado.

«Espero do patriotismo das cõrtes todo o desvelo no desempenho das suas funcções, para se fixarem uma vez as bases do systema de fazenda, desenvolver de novo os importantes recursos das possessões ultramarinas e aperfeiçoar todos os ra-



A rainha D. Maria II



El-Rei D. Fernando

«mos d'administração d'estes reinos.

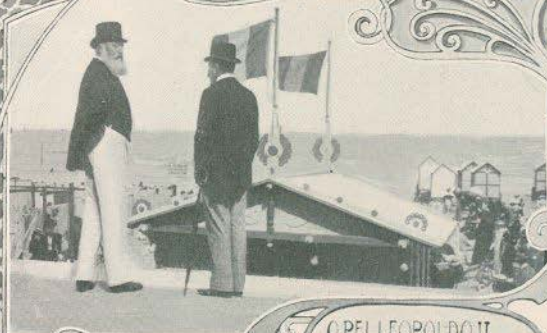
«Está aberta a sessão.»

«Depois de a Rainha ter lido a fala do throno, levantou-se, e, pelo braço de seu real esposo, deixou a sala pela mesma ordem com que tinha entrado. Nas ante-salas e corredores reunia-se um grande numero de pessoas em torno de Suas Magestades, para lhes beijarem a mão segundo o uso da cõrte. O par real subiu então para um formoso *coupe* inglez, amarelo forrado de setim branco. Era puxado por seis magnificos cavallos brancos de raça portugueza, que da alfomada dirigia um muito habil cocheiro inglez; parece-me que vale a pena fazer menção d'este individuo eminente na sua arte, mesmo até pela razão das suas funcções haverem dado occasião a um debate extremamente ridiculo. Os patriotas setembristas, no tempo em que governaram, tinham reputado deshonroso para a sua nação que a carruagem da Rainha fõsse guiada nos dias de solemnidade por um bretão e não por um portuguez, e por algum tempo se condescendeu com esta absurda exigencia. Ultimamente, a Carta de novo restabelecida reconduziu o expulso Automedon para o assento agalado, o que foi innegavelmente uma razoavel restauração, visto que elle dirige os seus fogosos cavallos por ruas ingremes com muito mais segurança e destreza do que os seus rivais portuguezes. A repartição das cavallariças reaes, de que naturalmente sou levado a falar, existe na melhor ordem possivel e deve ás sabias disposições e rigida disciplina do duque da Terceira a apparencia brilhante que apresenta, ficando a par das melhores cavallariças do continente, e somente terá que ceder ás de Inglaterra.»

PRINCE
DE LIGNOWSKY

(REPRODUÇÕES DE BRNOLIEL)

COMO SE ATRÁE O ESTRANGEIRO O QUE DEVE FAZER-SE



O REI LEOPOLDO II

VENDO O MOVIMENTO DA PRAIA

VAMOS mostrar ás nossas praias o que os belgas fizeram d'uma pequena terra de pescadores, tornando-a uma das mais bellas praias do mundo. Referimo-nos a Ostende. Quem chegue em agosto a esta praia recebe logo uma impressão de grandeza, sumptuosidade, bom gosto e alegria que dispõe bem; a bella cidade tem o ar de estar sempre em festa.

diaria com a Inglaterra é mantida por uma frota de dez vapores, a que nem falta a telegraphia Marconi, dos quaes os providos de turbinas, como o veloz *Princesse Elisabeth*, á velocidade de 24 nós fazem a travessia em 3 horas. Uma estrada especial de automoveis liga Ostende a Paris. Eis porque a formosa cidade de 40:000 habitantes é no verão visitada por 250:000 estrangeiros, principalmente americanos e inglezes, que, por preços fabulosos, se rezevam nos mais ricos hoteis, levando ali o seu ouro que circula copiosamente. Anno em



UM ASPECTO DA PRAIA Á HORA DO BANHO

que o governo, n'um prurido de honestidade, prohiu o jogo, faz a miséria de Ostende pela ausencia do estrangeiro e exodo do nacional, tendo que appellar á circulação fiduciaria!

A cidade encerra verdadeiras obras de arte e o seu desenvolvimento rapido deve-o ao municipio, ao bom emprego por parte da Sociedade dos Banhos de Mar dos lucros colossaes do *tapis vert* e á munificencia do rei, que, com extraordinario gosto, tem empregado em Ostende boa parte do seu grande rendimento do Congo.

A situação da cidade é imponente, comquanto algo desabrigada e exposta ás nortadas. Eleva-se a meio da facha de areia de 35 milhas, sem um rochedo, sobre que assentam, de um e outro lado, ridentes povoações até La Panne na frônteira da França e Knocke na da Hollanda, todas ligadas por uma linha ferrea marginal.

Ostende fórma um quadrilatero limitado pela praia sobre o Mar do Norte, ao oriente pela Estacada (passeio de 600 metros entrando pelo mar formando a entrada do porto) e pelo Caes dos Pescadores, ao sul pela estação dos caminhos de ferro e tres espacosas docas que na bella estação se conservam cheias de bellos *yachts*, habitações fluctuantes dos proprietarios e seus convidados. Pelo occidente limita-a o novo bairro que se estende do Royal Palace Hotel



ABELLA-OTERO no HIPPODROMO-WELLINGTON.

e Hippodromo Wellington, ao norte, até ao gracioso parque Marie Henriette (minhiatura do Bois de Boulogne), ao sul.

Esta disposição tem muito de semelhante á da nossa Figueira da Foz, tão digna de melhor sorte, no seu angulo recto que tem por vertice o castello da foz e por lados o molhe e docas da margem do Mondego e a extensa linha de praia na direcção sul norte em cujo ponto terminus, sobre

bre a povoação de Buarcos, se eleva a penedia do Cabo Mondego, que a protege dos vendavaes do norte.

O Kursaal, edificio extremamente elegante, impõe-se pelo gosto artistico e pela grandeza, cobrindo uma area de 10:000 metros quadrados sobre uma curva saliente da «Digue de Mer», amplo passeio marginal revestido de cimento.

Este passeio sobre o mar é o maior e mais bello do mundo, desenrola-se para um e outro lado do Kursaal n'uma extensão de cerca de 4 milhas, constituindo uma das obras mais grandiosas da cidade. Em todo o seu comprimento estão edificadas os hoteis mais luxuosos e as mais elegantes «villas». A sua parte occidental, que acompanha a praia de banhos em toda a extensão, desde o Kursaal até ao «Palace Hotel», é a mais elegante e frequentada. Passagem obrigatoria para os hoteis, encontram-se ali antes de almoço e á tarde as americanas e ingle-



zas mais elegantes e formosas. De manhã nos seus vestidos graciosamente leves de mousseline ou de linho branco bordados à jour ou a relevo, panamá e o indispensável cãosinho, à tarde nas mais caprichosas *toilettes* dos costureiros à moda. Em dias de muito vento, longo guarda-pó em seda ou linho e, além do véo habitual, um outro comprido como para automovel prendendo o chapéu sob o queixo. Nos homens vê-se de tudo, desde o elegante irreprehensível, no *complet* de flanela branca, elegante nó de marinheiro e panamá, até ao janota ridiculo de calça de algodão branco tão encolhida e curta que deixa ver a meia por cima da bota, na cabeça uma especie de frigideira, o laço da gravata parecendo uma mosca eriçada e na mão uma tão imperitinentemente badine que appetite dar-lhes com ella!

A partir do Kursaal notam-se, depois do *Hotel Wellington*, successivamente o *Continental* com as suas bellas torres e columnas, *L'Ocean*, *La Plage* dos mais *chics*, *Beau Rivage* e o elegantissimo *Splendid*. Todos estes hotéis tem amplos restaurants no rez do chão, abrindo sobre a «Digue» grandes janellas de crystal, verdadeiras montras, que á hora do jantar offerecem ao passeante um espectáculo deslumbrante. Luz a jorras, em pequenas mezas, cobertas de flores e graciosos castiças cujos *abat-jours* escarlates restituem ao rosto dos commensaes as côres roubadas pelo prazer, vêm-se, ao lado dos homens mais distinctos ou de velhos sensaborões, mas irreprehensivelmente encasacados, as mulheres mais bellas, as *cocottes* mais em voga cujo decote atrevido attrahe e prende a vista para logo a cegar na radiosa fulguração dos mais caros diamantes.

Aos hotéis seguem-se as «villas» elegantissimas em pedra artisticamente trabalhada, todas designadas por um nome e rasgadas por amplas janellas e balcões sobre a explanada, bem pintados, alguns revestidos de azulejos da vizinha Delft, cheios de flores e plantas ornamentaes.

Estas grandes janellas, que tomam toda a fachada, são providas de vistosos toldos, uma folha de crystal contra as nortadas, stores de ferro em vez de portas e um telescopio. Longe de servirem, como se disse de certa casa da Estrada da Beira, em Coimbra — para o dono em se aborrecendo d'ella a deitar pela janella fóra — são constantemente utilizadas



O HIPPODROMO WELLINGTON
A ENTRADA DO ROYAL PALACE HOTEL

Cercado de jardins, é ladeado, sobre a «Digue», por duas bellas galerias em valiosas columnas de pedra; a oriental, fechada, é artisticamente mobilada, a occidental, extensissima, recentemente mandada edificar pelo rei, que graciosamente a cedeu para annexo do Kursaal, é tambem formada por grandes columnas, duas a duas, dividida em toda a extensão por enormes folhas de crystal para protegerem os passeantes da ventania e encimada por um terraço communicando com o palacio.

E, finalmente, n'este extremo da «Digue», ergue-se imponente o Royal Palace Hotel, o mais grandioso da costa belga. Uma entrada monumental dá accesso ao jardim, maior que o nosso Rocio, deixando á esquerda o Hippodromo, o tiro aos pombos e os terrenos de «Polo», em que se defrontam os melhores *teams* da Europa e da America.

A' direita sobre o mar estende-se uma elegante galeria de 300 metros, que conduz aos pedes ao hotel, tambem munida de vidros d'abrigo. Varias damas liam, quando ali passei, sentadas em cadeiras de costas altas em fórma de cesta, outra saboreava um enorme charuto, e um rapaz semtado n'uma cadeira, os calcanhares sobre outra, sustinha sobre os joelhos uma gentil rapariga em talvez não commoda gymnastica, mas original!

Chega-se então ao hotel, verdadeiro palacio Luiz XIV, a que não falta um refinamento de luxo e progresso. Todo o edificio, ornado de columnas, é soberbamente gestoso. A sala de festas para 2:0000 pessoas é um modelo de estylo do 17.^o seculo.

O restaurant está installado n'um *hall* sobre o mar, de cerca de 100 metros; a illuminação, por transparencia, é feita atravez do tecto de *vitreaux* muito artisticos, o que, a par da riqueza das decorações, produz um effeito deslumbrante.

A prazia, d'areia finissima e de grande segurança, está sempre cheia de creanças descalças, acompanhadas de optimas *bonnes*, brincando com bandeiras e papagaios, jjojando o *tennis*





A DIGUE (PARTE ORIENTAL)



AS VILLAS PARTICULARES SOBRE A DIGUE JUNTO DO PALACIO REAL

ou o diabo sobre a parte molhada, o que produz agradável efeito. Mas, à hora do banho é que a scena é encantadora e nenhuma outra praia a oferece mais animada.

Mais de 400 barracas de madeira sobre rodas bem pintadas, levadas e trazidas do mar por cavallos, dão, em agosto, diariamente banho a cerca de 6:000 pessoas, nos trajos mais originaes e vistosos.

Os fatos de banho das damas estão bem longe de se parecerem com o grosso sacco usado pelas portuguezas ou mesmo com o de fazenda crua das hespanholas, que depois de molhado



denuncia o claro escuro da menor curva. Um simples, estheticco e excitante maillot escuro de calção curto e uma graciosa touca, eis tudo.

Por certo não aconselhamos a passagem pela bella praia a alguma peregrinação portugueza, para não forçar um casto a molhar o guarda-pó envolvendo uma banhista, como ha annos fizeram a uma estatua do Vaticano!...

Nunca vi tanto professor de natação amador como em Ostende e a razão é a abundancia e docilidade das discipulas. Estou certo que muitos d'elles nem sabem para si, mas basta perguntarem



VISTA GERAL DA PARTE OCCIDENTAL DA DIGUE; AO FUNDO O PALACIO REAL

O KURSAAL



Ostende. — Interior do Kursaal. — R. D. F. 1907

GRANDE SALA DE CONCERTOS E RESTAURANT

a uma rapariga se quer aprender e eil-a estendida á tona d'agua prompta a deixar-se guiar. Tomam-na sobre os braços, depois pela nuca, ensaiam os movimentos, zás! uma onda, tudo se embrulha, desaparecem!... primeira fôrma, segunda tentativa, novo mergulho... e assim passam alguns quartos de hora até que o frio os obriga a procurar as barracas, o que nem sempre é facil quando ellas tenham mudado de sitio ou se tenha esquecido o numero.

Só uma banhista vi negar-se á lição, mas breve percebi o motivo: um velho rabugento, talvez um *ex-professor*, espreitava da barraca proxima e brandia já o guarda-sol encolerizado!

Não existem toldos para espectadores, os *dilettanti* d'ambos os sexos são obrigados a andar arregaçados, com os pés na agua e os sapatos na mão; como, porém, a praia é pouco inclinada, a maré sobe repentinamente dando logar ás mais comicas scenas.

E' cousa vulgar estar-se vestindo na barraca e entrar-nos pela porta dentro uma *nauffraga* assustada. Pode ser bonita ou feia, mas tem sempre o atractivo do inesperado. Pode-se tambem vêr pelo postigo e só abrir n'um dos cascos... Ora digam

lá francamente, não será um prazer um banho em Ostende?

Esta cidade de prazer, mocidade e vida, em que tudo tem o titulo de Real, essencialmente belga em julho, quando ali se reune a aristocracia do paiz, cosmopolitisa-se em agosto, ouvindo-se todas as linguas, tremulando todas as bandeiras, especialmente a dos americanos, que, havendo jogo, concorrem em grande numero. Tambem lá chegam echos de Portugal, ainda que não seja senão nos nomes. Junto do Kursaal ha a «The Continental Bodega C.» *Vins d'Espagne et de Portugal* (na lista *Mudère e Porto rouge e blanc*).

Na Digue Oriental ha a «America-Cintra Wine C.», casa de provas, tendo as mezas a fôrma de barris. A casa A. *Bluyssen Zonen*, na Praça d'Armas, annuncia *Porto Rouge Viex* a 1,25 a garrafa! Deve ser vinho tinto com assucar, como provei já no sul de Hespanha.

Uma coussa original na Belgica, que tambem vi em Ostende, é o emprego dos cães grandes, que servem para mais alguma cousa que dar que fazer ao Instituto Pasteur, tirando sós, ou juntamente com os donos, pe-

AS SALAS DE JOGO DO KURSAAL



quenos carros de leite, fructas, etc. Entremos agora no magnifico Kursaal, cujas terrasses sobre o mar são o *rendez-vous* favorito dos visitantes. Tudo ali é grande, imponente e bello, a vasta sala de concertos e restaurante, a sala de baile elegantissima, salões de leitura, exposições permanentes d'arte e os *bars*. Em grandes festivales todos os compartimentos se podem reunir n'um só, capaz de comportar 1:800 pessoas. Todas as janellas tem soberba vista de mar e d'ellas, como da *terrasse*, se pode ao mesmo tempo ouvir os concertos.

Pertence á grande Sociedade dos Banhos de Mar, que ali organisa grandiosas festas de caridade, concertos, conferencias, exposições, etc.

Todos os artistas do mundo, notaveis em qualquer genero, por ali passam.

Ha quem no Kursaal passe o dia inteiro, as damas chegam a levar os seus bordados, e, na verdade, lá dentro pôde-se fazer tudo, excepto dormir... em cama.

As salas de jogo, no subsolo do Kursaal, constituem uma secção independente, especie de *club*, onde só entram os socios. Não se pôde, porém, chegar a Ostende e, aproveitando um palpite, ir jogar; a inscripção, que custa 20 francos pela epoca, exige tres dias para obterem informações sobre a pessoa. E' regra geral e quando se queira abreviar, provando logo a identidade, pedem delicadamente perdão dizendo que S. A. o Duque d'Orleans ou o Shah da Persia tambem esperaram! Assim obteem, a par de um grande rendimento, uma certa selecção, para que tambem muito contribua a exigencia de grande *toilette*. As salas são amplas e luxuosissimas. A iluminação tem tal refulgencia que ao entrar ali á noite, pela primeira vez, se tem a impressão de vêr realizado um d'aquelles aurifulgentes e bellos sonhos da nossa infancia! A propria cor da luz, o reflexo dos metais que se espalham por toda a parte sob a forma d'objectos de arte ou de valiosas decorações, as joias das orelhas, collo, braços e dedos das mulheres, as lantejoulas mesmo dos seus vestidos e as torentes d'ouro por sobre aquellas mesas n'um tilintar agudo, crystallino e provocante, tudo se reúne para nos arrebatat n'um morbido deslumbramento de apothose ao ouro, á riqueza!

As mesas estão apinhadas, abundando o banqueiro americano que annualmente lança em conta de despeza uns milhares de libras para vir ali obter uma sensação capaz de sacudir a sua sensibilidade gasta. Este homem, que não receia perder, joga forte, e assim não raro nos proporciona o prazer de vêr pagar uma parada de 5 ou 6 contos de réis em punhados de ouro. Quando tal succede convergem no feliz todas as atenções—e tal bastava para elle se julgar pago!—as mulheres, com mais ou menos disfarçada curiosidade, accorrem como borboletas attrahidas pela luz, mas, curiosa differença, não são ellas que cahem, é... a luz!

Como tudo ali é providencial, por detraz do Kur-

saal, mesmo em frente da porta que serve a deshoras, estão os restaurantes de noite «Maxim's» e «Du Helder», pequenas casas d'orates bem decoradas e elegantes, que, para servir veneno e loucura por altos preços, accendem as luzes cerca das 2 horas da manhã. Ali se reúnem as *demi-mondaines* que pouco antes voltavam nos *bars* do Kursaal, as mesmas caras afaal que frequentam, na estação propria, os logares de prazer de Paris, de Biarritz, de Monte Carlo, do Cairo, o «Continental» de Londres, New York e que, a caminho da Argentina, muita vez passam no Tejo sem ligar importancia á nossa Lisboa *pellintra*.

Imperam ali a *Matchiche*, a *Tonkinoise* e a *Craquette*, pequeninos pés assetinados passam á altura das cabeças, as rendas espumam como o *Champagne*!

Esvasiam-vos a aligebeira, mancham a casaca, esborracham-vos o chapéu! Mas quem vos mandou lá ir sabendo que tudo ali se permite, sendo apenas questão de preço? Mas taes logares são necessários n'aquelles sitios, para fazer a vossa gaastar os lucros e a outros esquecer o gatilho do revolver.

Uma tarde, antes de deixar Ostende, fui dar um passeio pela parte menos aristocratica da «Digue» de Mer», a oriental. Vêem-se ali, entremeados com elegantes casas particulares, os hoteis de 2.^a classe desde o *Royal Belge* ao *Royal du Phare* em frente da Estacada e do farol. Dobrar esta esquina é mudar de terra; entra-se no Caes dos Pescadores, como tudo ali muda completamente! Casas pobres, pequenas janellas e portas tem por unica ornamentação arcos de peixe a secar para o inverno,, em vez de á janella, todos sentados á porta, e uma infinidade de creanças pobremente vestidas fazem-me pensar em como deve ser horrivel a miseria m'uma terra só de luxo e prazer!

Sobre o passeio vêem-se mulheres fazendo e compoando as redes, outras iscando, emquanto os homens passam na taberna as horas da folga, e onde a onde, o velho pescador invalido, a barba branca na typica forma flamenga, fuma o seu cachimbo soffrendo a nostalgia do mar que ainda contempla com olhar apagado e triste.

Como tudo isto me recordo a pátria! Que semelhança com a querida terra algaria que me viu nascer e onde tantas vezes presenciei: identico espectáculo, terra de pescadores que, mais que nenhuma outra do reino, teve o passado, tem o presente e o futuro no mar!

Voltei ainda ao Kursaal a receber novo banho de alegria e luz, e embarquei para Inglaterra de noite, abandonando Ostende em plena festa.

A vista da cidade illuminada é mferica! O barco corria veloz, toda a luz se foi reduzindo a um ponto que breve se desvaneceu, e, ao roblar monotono das turbinas, z adormeci para só despertar em Dover como d'um sonho alegre cheio de magia e encantamento.

A. FERRREIRA D'ALMEIDA
C. CARVALHO.



DE REGRESSO DA HAYA

DESEMBARCA EM LISBOA A FIGURA PRIMACIAL DA CONFERENCIA

ACABA de passar por Lisboa, no regresso da conferencia da Haya, onde com tão elevado brilho e excepcional relevo esteve representando o seu paiz, o eminente estadista e homem publico brasileiro dr. Ruy Barbosa.

A *Illustração Portuguesa*, que tão afincado empenho põe no desenvolvimento das relações intellectuaes entre os dois povos que no novo e no velho mundo falam a mesma gloriosa lingua, havia encetado preparativos para organizar uma grande festa de homenagem ao dr. Ruy Barbosa n'esta occasião da sua passagem pela nossa capital, e estava já assegurado, pelo valor e pelo entusiasmo das adhesões que a sua



Portuguesa pelo seu pensamento, na affectuosa e demorada conversa com o redactor que o foi cumprimentar a bordo em nome de todos nós. O dr. Ruy Barbosa affirmou-nos igualmente o seu desgosto por não lhe consentir a escassa demora do navio aceitar a manifestação dos seus amigos de Portugal, que, nos disse, seria particularmen-

idéa promptamente juntára, que essa manifestação teria revestido o caracter de uma imponente manifestação. O nome prestigioso de Ruy Barbosa é bastante conhecido no nosso paiz e a sua figura muito sympathica em Lisboa, desde a sua residencia aqui por certo tempo, ha alguns annos. As notaveis qualidades do seu talento polymorpho de juriconsulto, de politico e de escriptor conquistaram merecidamente, em Portugal, ao illustre brasileiro quasi tanta fama e admiração como as que tão unanimemente lhe são consagradas na sua propria patria, e d'esse facto seria um testemunho eloquente e irrecusave: a festa preparada pela nossa revista.

Infelizmente, o vapor *Araguaya*, em que o dr. Ruy Barbosa seguia com sua esposa e filhos, apenas se demorou em Lisboa poucas horas, e por essa circumstancia tivemos, com o mais sincero pezar, de abandonar, naturalmente, o projecto formado e que tanto desejaríamos ter visto realisado. Tivera, porém, noticia d'esse projecto o nosso distincto hospede, e foi com uma gentileza verdadeiramente penhorante que manifestou os seus agradecimentos á *Illustração*



Ao desembarcar do *Araguaya*—O ministro dos estrangeiros dirigindo-se para o *Araguaya*—O sr. conselheiro Camello Lampreia cumprimentando o dr. Ruy Barbosa



te grata ao seu coração, pelo muito que ama também o nosso país, ao qual fez as mais agradáveis e fervorosas referências.

O redactor da *Illustração Portuguesa* chegou a bordo pouco depois do *Araguaya* ter fundeado, sendo a primeira pessoa que falou com o illustre viajante, e tendo, por isso occasião de conversar largamente com elle, antes do seu desembarque na companhia do nobre ministro do Brazil na nossa corte.

O dr. Ruy Barbosa vinha, como se sabe, de tomar parte na segunda conferencia da Haia, na qual desempenhou um papel preponderante, destacando a sua



personalidade primordialmente n'aquelle grande parlamento internacional da paz, a que concorreram os diplomatas mais distinctos de todas as nações. Era natural, portanto, que a conversa se dirigisse para tal assumpto, e que manifestassemos o desejo de ouvir as impressões que o eminente chefe da delegação brasileira trazia da Haia. Foi com uma sincera convicção que o dr. Ruy Barbosa poz em evidencia o valor dos trabalhos da Conferencia e afirmou a esperança dos seus resultados praticos. O futuro ha de ser um dia a organização juridica dos estados estabelecida por forma a evitar toda a possibilidade de conflictos militares. A idéa da paz ha de triumphar no mundo.



A apresentação do sr. Manuel Pestana ao dr. Ruy Barbosa, no caes do Arsenal — O sr. dr. Ruy Barbosa saindo do Arsenal, acompanhado pelos srs. ministro dos estrangeiros e ministro do Brazil em Lisboa — O dr. Ruy Barbosa e sua esposa conversando, na Superintendencia do Arsenal, com as pessoas que os foram esperar.

Na manhã serena, no meio da macieza luminosa do sol nascente, estas palavras de fé, ditas pelo grande pensador americano com a mais nobre firmeza, soavam-nos como uma doce prophécia.

Chegou um compatriota do dr. Ruy Barbosa e de sua esposa, ambos filhos da Bahia, que trouxera dois bellos ramos de flores de Portugal para ofertar ás senhoras. Madame Ruy Barbosa, aspirando o seu perfume, dizia encantada:

— Ah! o cheiro das flores de Europa!

E esse cheiro, mmenos inteso que o das orquídeas tropicas, mas puro e delicado tambem, exhalava-se por um momento no salto do *Araguaya*, e expirava assim, n'uma suave redolencia, o ultimo echo da generosa promessa de paz.

OS ALFARRABISTAS



Pereira da Silva, o Frade

mais ou menos, por Jules Janin, salvo erro, e representa sem duvida uma flagrante verdade. Cumpre accrescentar, porém, que a bibliographia excede ás vezes os limites da paixão e se transforma em mania.

Para citar um exemplo bastará recordar o velho procurador Merello, que durante a sua vida adquiriu e juntou milhares e milhares, dezenas de milhares de volumes, dispersos, pela sua morte, em um leilão famoso. Não era um homem de letras, bem longe d'isso, até; mas foi um colleccionador pertinaz, um emulo feliz do bibliographo Innocencio, tendo os dois acabado, tão accentuada se tornou a rivalidade, por quasi se odiarem mutuamente. Merello comprava livros velhos e novos, folhetos e infolios, tudo indistinctamente, sem qualquer escolha, e amontoava tudo em casa, sem ordem, sem catalogação, o que lhe parecia mais valioso ou custava mais caro fechado em arcas, bahus e caixas ou encerrado em saccas de linhagem. Podia applicar-se-lhe a phrase que Brantôme attribue a Luiz XI a proposito de um prelado do seu reinado que tinha uma bella livraria que não lera: assemelha-se a um corcunda que tem uma enorme giba nas costas e a não vê. Livro de certa raridade que lhe caisse nas mãos, porém, era o mesmo que ter caído no inferno: ninguém mais lhe punha os olhos em cima. Contra esse egoismo feroz revoltava-se o azedo Innocencio; mas o outro deixava-o vociferar á vontade e continuava a arrebANHAR e a enclausurar quanta livralhada encontrava.

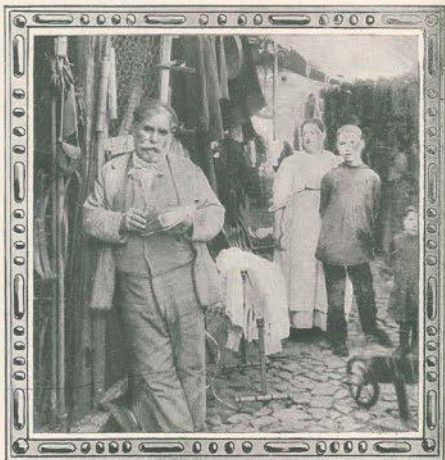
De outro genero foi o architecto Nepomuceno, morto tambem ha poucos annos, e cuja selecta livraria deu tambem um leilão notavel em 1807. Era espirito mais culto, e escolhia cuidadosamente o que comprava, tendo conseguido obter algumas obras de excepcional raridade. Tal era, entre as mais preciosas, a edição gothica dos *Autos dos Apostolos*, impressa por Valentim Fernandes Allemão, no anno de 1505, por ordem da rainha D. Leonor, mulher de D. João II, de que apenas se conhecia outro exemplar, e que foi adjudicada no leilão por 700\$000 réis. A maior parte dos seus volumes encontrava-se n'um magnífico estado de conservação, e todos tratados com esmeros e cuidados de verdadeiro amator.

De uma e outra d'estas duas especies de

bibliophilos não faltam exemplos, alguns bastante caracteristicos e notaveis, até, mas que seria bastante longo enumerar agora. Memoremos, apenas, como um dos mais illustres, entre os mortos, Fernando Palha, monographista erudito e espirito encantador, cuja rica bibliotheca está inventariada no mais soberbo catalogo que possuímos e que constitue o seu mais alto elogio, porque, como disse tambem o auctor do *Amour des Livres*, um homem conheceu-se pelo catalogo dos seus livros.

Para servir os bibliophilos, que ainda são relativamente numerosos, ha os alfarrabistas, cuja florecente industria se desenvolve principalmente em Lisboa. D'estes, um dos mais celebres foi o velho João Pereira da Silva, tratado vulgarmente pelo *Frade*, porque chegára, parece, a ser leigo. Quando a revolução abriu as portas dos conventos, veio cá para fóra, cremos que sem trazer grandes saudades do claustro, e estabeleceu-se com loja de alfarrabista, que ainda hoje continúa, sendo uma das mais afamadas. Foi elle o primeiro que publicou catalogos de livros antigos, quem começou a valorisal os, e que effectivamente, entre muitas maravilhas ridiculas, sem valor litterario, nem mesmo merito typographico, mas que, apesar d'isso, cotava sempre por preços excessivos, vendeu aos amadores muitas das edições princeps dos gloriosos escriptores do cincoento, livros de judeus impressos na Hollanda, e varias outras preciosidades da bibliotheca nacional. Foi, pode dizer-se, o patriarcha dos alfarrabistas lisboenses, e quem, até morrer quasi, deu leis no mercado dos livros velhos.

Depois da d'elle, a loja de Antonio Rodrigues, o Rodrigues do Pote das Almas, conhecido tam-



No mercado de S. Bento: o mano João

bem pelo *Gallego*, era a mais celebrada. Ficava á esquina da rua de S. Nicolau, onde está presente-mente uma casa de phonographos. Era um verdadeiro pandemio: de alto a baixo, na sala de fóra, estantes encravadas na parede litteralmente abarrotadas de livros, livros a pejar o balcão, livros amontoados sobre uma comprida mesa ao centro; em tres ou quatro salas terreas, que se seguiam, livros em primitivas estantes de madeira carunchosa, livros sobre mesas, livros sobre cadeiras, livros pelo chão; a sobre-loja da casa, baixa, com os tectos a poisarem sobre as cabeças e para a qual se ascendia por uma escada tremelicante, só por milagre não des- zava, sob o peso enorme dos cartapacios alastrados, a monte. Quem escreve este artigo e o conselheiro Jayme Moniz passaram lá semanas a revolver aquelle entulho bibliographico, no meio do qual não raro surgia uma boa chronica ou um magnifico exemplar das constituições de algum bispado.

O Rodrigues quasi não sabia lêr, mas de tanto lidar com livros acabára por perceber d'elles, e especialmente do seu preço. Sabia de cór as coisas mais extraordinarias, como as datas de todas as edições de Camões e de Sá de Miranda, a lista dos retratos dos *Vardes e Donas*, a série dos mapps do Arco do visconde de Santarem, etc. O seu grande fraco era o charuto. Ficava constantemente charutos baratos, de mau tabaco, fymacentos. Era, por isso, uma victima dos freguezes, que lhe offerciam um bom charuto antes de lhe perguntar o preço dos livros, como nunca deixava de fazer, por exemplo, o bom Manuel da Assumpção. Em taes casos o Rodrigues cedia a maior raridade por dez réis de mel coado.

O velho juiz Elyseu, que comprava livros por mania, á tóa, era quem compensava o Rodrigues das suas generosidades com os offeredores de charutos. Mas o juiz era desconfiado, e como, valha a verdade, não percebia nada do que comprava, só costumava arriscar-se quando ouvia os competentes affirmar o valor de qualquer especie. O que fazia o Rodrigues? A loja tinha portas para a rua do Crucifixo. Quando o Elyseu, depois do tribunal, entrava pela rua de S. Nicolau, saia pela rua do Crucifixo um moço carregado com um cesto ou um sacco de volumes velhos inúteis, ás vezes destroncados até, dava uma volta e vinha, pela porta da frente, offerrecer ao alfarrabista os livros para comprar. Tinham-no incumbido de vender aquillo: — «O senhor quer ver

se lhe serve?» O Rodrigues grave e ponderado, percorria um a um os volumes, fazendo as suas observações:

— Este não é mau!

— Isto não vale nada!

— Ah! este agora sim!

E piscava o olho ao juiz.

A final resolvia-se e propunha:

— Dou por tudo 3 mil réis. Quere?

O outro respondia, porém, que os menos que lhe haviam dado ordem para aceitar eram 5 mil réis.

— Pois então vá a outro livreiro. Por mim não dou mais.

O moço, industriado, começava logo a juntar os livros e a accommodal-os no sacco de novo. E o Rodrigues, avizinhandose do Elyseu, confidenciava-lhe a meia voz:

— Lá o valer, valem, porque são coisas boas; mas não me convém pô-los em mau costume.

O truc produzia o effeito esperado. O juiz despedia-se apressado e ia esperar na rua ao moço, que saia com a carga dos livros. Approximava-se e dizia-lhe:

— Toma lá os 5 mil réis pelos livros e mais um tostão para m'os tres deixar em casa.

Assim organisou elle uma livraria disparatada, abundante do rebotalho da casa dos alfarrabistas e escassa em cobras de real merecimento litterario ou bibliographico, cujo leilão foi um pavoroso desastre no genero.

N'esse tempo aurore do *Frade* e do *Rodrigues*; não havia tantos livreiros alfarrabistas em Lisboa como hoje, e dois de então talvez só reste o Pires da rua da Prata; mas, em compensação, a feira da Lada — que era á segunda-feira, — e o mercado de S. Bento regorgitavam

de cartapacios de toda a casta, entre os quaes era vulgar realisar magnificos achados a preços inesperados. Hoje, na feira da Lada, — que passou para as terças-feiras e sabbados, — quasi que só ha uma *estalage* de livros onde ainda se pode adquirir, de vez em quando, alguma coisa de geito, e no mercado de S. Bento taes achados só podem fazer-se tambem na barraca do *mano João*, bem conhecida e visitada por todos os amadores de livros. Ah! ou no curioso armazem da travessa da Palmeira, — onde até se tem a impressão de que os livros são para vender por grosso, — lá succede encontrar-se uma vez por outra qualquer exemplar interessante ou curioso ou uma edição estimada e rara por um preço accessivel. Mas os tempos saudosos em que um alfarrabis-



O Silva da Travessa da Palmeira
(CLICHÉS DE A. NOVAES)



ta cedia ingenuamente uns *Luziadas* da chamada edição dos *Piscos*,—hoje cotada por cento e tantos mil réis,—pela somma irrisoria de 600 réis, esse já lá vai de ha muito, e não é possível que semelhantes coisas tornem mais a repetir-se. As livrarias dos alfarrabistas, de resto, modernisaram-se, quebraram a sua tradição poeirenta para se tornarem associadas, bruniram-se até ao ponto de

chegarem a competir com as que fazem o commercio do livro novo. E quando por aquella baúca do Rodrigues, por exemplo, passaram, desde Herculano, os mais eminentes homens de letras do paiz, comprehende-se como as bellas e arejadas lojas contemporaneas reunam quantos ainda, n'estes tempos de indiferença, continuam amando os velhos livros nossos amigos.



Na feira da Ladra: o alfarrabista Dias—O Pires da rua da Prata

PALAVRAS DE UM HEROE

A «Ilustração Portuguesa» entrevista o capitão Roçadas, commandante da columna expedicionaria

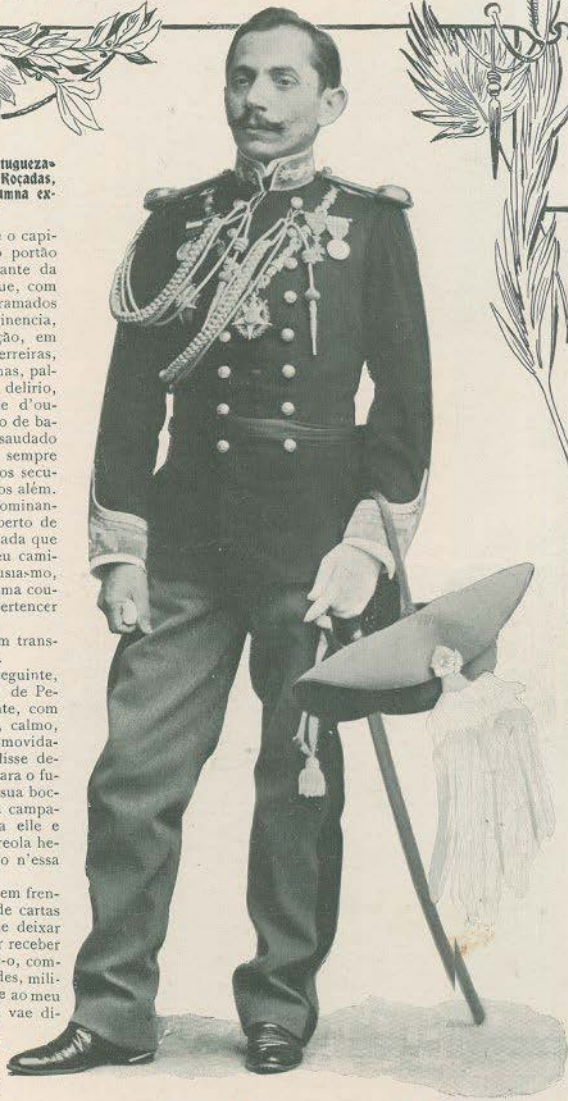
QUANDO n'aquella tarde o capitão Roçadas saiu o portão do Arsenal, por deante da companhia de marinha, que, com os canos das espingardas enramados de louro, lhe fazia a continencia, n'aquelle rumor de sagração, em que soavam musicas guerreiras, em que havia tinidos d'armas, palmas, aclamações, n'um delirio, julguei vêr passar um heroe d'outras edades, sobre o seu cavallo de batalha, adorado por um povo, saudado por um rei, agora a viver para sempre na nossa memoria, a atravessar os seculos, a ser recordado pelos tempos além.

Depois, na rua, victoriado, dominando no meio da multidão, coberto de flôres, soffrendo a custo a montada que o povo ladeava, fazendo o seu caminho no calor d'um febril enthusiasmo, era ainda, aos meus olhos, alguma cousa que engrandecera e que ia pertencer ás nossas almas.

N'aquella tarde, esse homem transpôz a porta d'ouro da Historia.

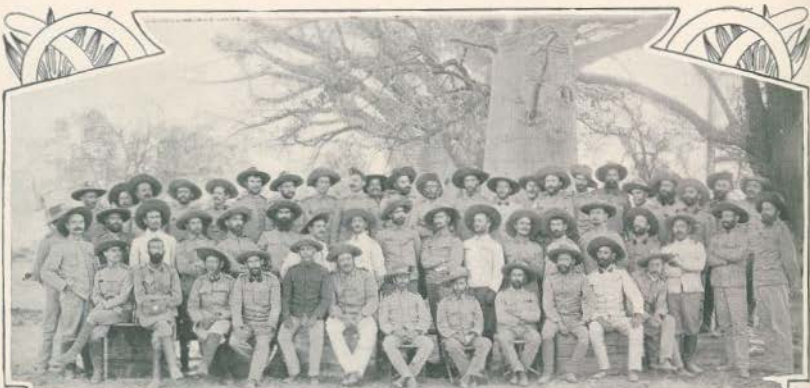
Por isso, quando, no dia seguinte, entrei na sua modesta casinha de Pedrouços e o vi na minha frente, com a sua figura serena e baixinha, calmo, a estender-me a mão, foi commovidamente que lhe falei, que lhe disse desejar, como se fôsse recolher para o futuro as suas palavras, ouvir da sua bocca alguns dos episodios d'essa campanha d'Africa que lhe dera — a elle e aos seus soldados — aquella aureola heroica que dominara a multidão n'essa tarde festiva de dezembro.

O capitão Roçadas senta-se em frente da sua secretaria, coberta de cartas e telegrammas, mas tem que me deixar de momento a momento para ir receber os que chegam a cumprimental-o, comissões, delegados de sociedades, militares, altas personagens. Accede ao meu pedido, com um bom sorriso, vae dizer-me o que essa campanha foi. E' então que o interrogo, a medo, não vá elle sair mais uma vez, guardar para outro dia aquillo que a minha ima-



O sr. capitão Roçadas

(CLICHÉ DA P. PHOT. VASQUES)



C. 7

Grupo de sargentos da columna, no Cuamato Pequeno

ginação já adivinhava grandioso e bello como um romance de façanhas antigas.

São as suas recordações do primeiro combate que me diz primeiro, em voz serena, tranquillã, como se aquillo fôsse passado com outro.

— Foi a 26 d'agosto, ás 8 da manhã, que a expedição saiu do forte em tres columnas. Os caminhos foram abertos a machado. O do centro tinha 8 metros

de largo, os lateraes 6 metros cada um, distando 100 metros do caminho central. E o capitão Roçadas diz que seguiu aquella disposição de marcha egual à d'um general inglez n'uma expedição victoriosa em terra d'Achantis, por achar o territorio muito semelhante a este. Caiu a noite. Foram acampar na Chaafenda. Ouviu-se ao longe um rumor no meio dos mattagaes, depois vozes que se alteavam, como um cantico de guerra a ele-



Grupo de officiaes da columna, no Cuamato Pequeno



Entrada do Mufllo, onde rompeu o fogo do inimigo sobre a cauda do comboio em 27 d'agosto

var-se pela noite alta. Era o desafio do inimigo; eram as suas imprecações, as suas coleras a explodirem, n'um aviso terrível n'aquelle logar, a dizerem: *A manhã nos encontraremos!*

Os soldados da expedição estavam bem dispostos; a marcha continuou e quando passaram para o Mufllo, os cuamatás vieram atacar a retaguarda da columna. O capitão Roçadas mandou formar um quadrado. Entraram com estrepito os últimos

meia. Depois, até ás tres e meia, foi afrouxando.

Começaram então os tiros isolados, disparados de cima das arvores e por detraz dos montículos de *salale*. A infantaria teve que carregar varias vezes; partia n'um impeto, chegava a internar-se no matto. No primeiro ataque commandava o capitão Patacho, no segundo Schiappa, no terceiro o 1.º tenente da armada Victor de Sepulveda. Pelo meio-dia viu que o ini-



Chana do Mufllo, onde se deu o combate de 27 d'agosto

carros para aquella fortaleza humana. De fóra ficou ainda uma carroça alemtejana, cuja parelha se embaraçara no matto. Tiraram-lhe o gado, deixaram-na. Ali a ultima defeza foi feita pelo 1.º esquadrão de dragões e pela 16.ª companhia indigena.

Pelas 9 e meia da manhã havia um fogo vivo em volta do quadrado. Os nossos homens resistiam valentemente, o inimigo atacou com violencia até á uma hora e

migo não abandonava o fogo e viu tambem que tinham de pernoitar ali. Mandou levantar trincheiras. Eram feitas com saccos de terra e n'ellas se recolheraam.

Diz então que essas trincheiras, assim feitas, foram uma innovação. Lembra-se de as armar d'aquelle modo. Cadda soldado levava quatro saccos vazios; ppor cada grupo havia uma pá especial. Enquanto a primeira fila respondia ao inimigo, a segunda erguia as trincheiras e logoo que es-



*O Caligula, fidalgo do Cuamato,
que serviu de guia á columna, com dois moleques
seus parentes*

tavam concluidas ficavam atraz d'ellas, como n'um baluarte, evitando assim maior numero de baixas. No Mufllo, foram levantadas sob o mais ardente tiroteio. Foi durante a construcção d'esses abrigos que mandou sair os esquadrões, que foram pela retaguarda do quadrado. O 2.º esqua-

drão ia á frente; commandava-o Martins de Lima. Partiram a trote, metteram-se na espessura do matto, até 2 kilometros de distancia, e varreram-no.

A's tres horas houve nova carga, ainda feita pelo 2.º esquadrão para repellir o inimigo, que atacava o flanco direito da columna, n'essa occasião envolvido. Os soldados, ao verem como estavam no meio do matto, ao sentirem o fogo do inimigo, bradaram: «Commandante, estamos cercados!» E Martins de Lima, voltou n'um berro, que era uma heroicidade:

— Rapazes! O 2.º esquadrão, quando está cercado, carrega!...

Travou-se mais rijo o ataque. Venceram, e quando regressaram ao quadrado vinham em ordem e ao som da marcha de guerra. De todos os lados irromperam palmas e vivas; aquelles soldados applaudiram sem inveja os seus camaradas, que estavam verdadeiramente commovidos.

O capitão Roçadas cala-se, fica a esperar uma pergunta, e, d'ahi a momentos, murmura:

— Aqui tem as minhas impressões do primeiro combate em que entrámos. Ali—continua elle—estavam todos os povos do Cuamato menos o evhale. Havia cuanhams, com doze lengas e perto de 5:000 homens, barantus, cuambis, ganguellas e hingas. Eram uns 15 a 20:000 negros, dos quaes 7:000 armados de boas espingardas. Fizemos-lhes muitas baixas; obrigámo-los a retirar e dos nossos lá ficaram dez brancos e tres indigenas mortos, e 39 brancos e 19 indigenas feridos. Morreu o pobre veterinario Pereira.

Ao falar d'esse bravo, o chefe da expedição, cujo rosto até então fora d'uma serenidade estranha, commoveu-se; pareceu recordal-o ainda estendido no seu ultimo e humilde logar. Conta, de seguida, que logo no começo do ataque o seu ajudan-



Cuamato Grande: posto millitar Eduardo Marques no Naluéque

te, o alferes Velloso, fôra ferido, que o cavallo montado pelo chefe do estado maior ficára morto. Patacho tivera o chapéu furado duas vezes por balas. Fôra tambem ferido o capitão Araujo, e o official Mario da Silva ficára com o braço atravessado por uma bala.

—E v. ex.ª não foi ferido?!—interroguei, n'um grande desejo de o saber.

O capitão Roçadas sorriu:—Não. Mataram-me o cavallo que eu montava, feriram-me o segundo que pedi. Uma ordenança caiu a meu lado.

Quiz então saber onde o tiroiteio fôra mais rijo, onde elle ouvira as balas mais de perto e falei-lhe d'um ataque á sua pessoa de que correrá noticia.

—Não sei. No Macuvi, ouvi zumbir muitas balas. Ao meu lado Caripalulla—o guia—foi ferido no quadril e n'um pulso e, mesmo ferido, ouvindo mais rijo o tiroiteio, exclamou:—Commandante, peço-lhe que se apeie.

Então, como o capitão Roçadas falasse de Caripalulla, perguntei-lhe por casos da sua vida, desejava saber como elle viera d'ea-



Um curativo de feridos

sa região misteriosa ligar-se com os portugueses.

—Caripalulla—disse o commandante—é um príncipe; é d'uma familia de sobas e pretendia o poder. Guerreavam-no e elle então deliberou fugir para os portugueses.

Tem um irmão que lhe pediu para não debicar a sua terra pois que nós o matariamos. Não o quiz ouvir. Uma noite partiu; vinha coorrer a aventura. Foi então que os seus o atacaram



Uma amputação depois do combate de 4 d'outubro (tomada da embaia do Cuamãto Grande); em que foi operador o dr. Fonseca, que falleceu no regresso ao forte Roçadas



Acampamento no Cuamato Pequeno

no Cuamato, n'aquella noite da fuga, receosos de que chegasse até nós. Bateuse, luctou, conseguiu escapar. Foi o que ouvi d'elle; é esta a sua historia. Então prometti-lhe sobado, disse-lhe que o faria rei na sua terra e quando tomámos a Emballa, disse-lhe:

— Caripalulla! Tudo isto é teu!...

Baixou-se n'uma cortezia; bateu as palmas, exclamou cheio de jubilo: *Queto! Queto!* o que quer dizer: Obrigado!

Mandei chamar o gentio para lhe prestar vassallagem. Em tres dias appareceram innumerables cuamatás e deante das tropas ia dar-lhes Caripallula como seu rei e seu senhor... Estava tudo prompto para a cerimonia. Os negros accoravam-se no chão e falavam serenamente entre si. Pareciam bonzos na sua immobildade; só os labios se mexiam.

Caripalulla veiu até mim e disse-me: — Senhor! Elles não me querem. Não estão satisfeitos!...

— Porque o sabes?!— perguntei, n'um impeto.

— Porque os novos, os rapazes, saíram sem me saudar!

— Que importa?!

Mas Caripalulla afastou-se tristemente, a cabeça pendida, n'um desalento.

Ia a encaminhar-me para o local onde já as tropas aguardavam o momento em que Caripalulla seria rei. Era n'uma manhã linda. A nossa bandeira fluctuava ao vento. Caripalulla, de novo se aproximou:

— Que queres?

— Senhor! Quero ficar ao pé do sr. governador!...

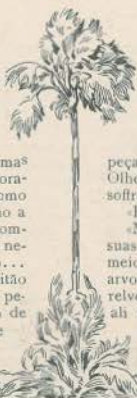


Bois dos carros d'um comboio, no Ancongo

Na sua voz havia como uma dôr a manifestar-se.

— Vamos — disse-lhe — vaes ser soba!

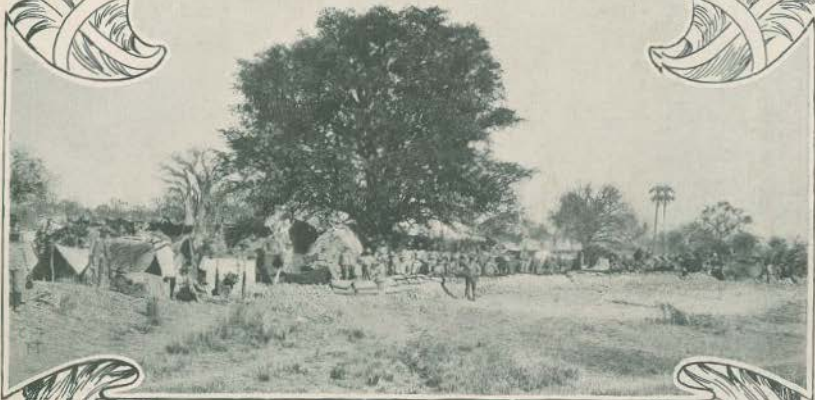
Afastou-se ainda mais cabisbaixo; ouvi um tiro. Ao principio julguei que se tratava d'alguma partida d'um auxiliar para assustar o negro. Mas, não. Caripallula, vendo-se desprezado pelos seus, quizera suicidar-se. Estava por terra o pobre negro; tinha o queixo esphacelado, mas salvar-se-hia. Os outros continuavam acocorados nos seus logares, sem se mexerem, como se já aguardassem tudo aquillo. Oh! tenho a certeza... Elles esperavam; nenhum se commoveu, nem um só olhou Caripallula, o negro de mais sentimentos que tenho visto... Não consegui ser soba... — disse o capitão Roçadas — como se aquella recordação lhe pesasse e pensasse em compensar o negro de tanta dedicação e fidelidade.



E' sempre com a mesma serenidade que o capitão Roçadas conta o que viu, aquillo em que foi a primeira personagem, e interrogado sobre o encontro dos restos da expedição de 1904, aquelle homem ôle ferro parece agitar-se:

— Sim, — murmura tristemente — lá encontrámos esses despojos. Os soldados pareciam desesperados. Eram restos d'armas, peças, sellins, um verdadeiro resto de derrota... Olhei tudo aquillo e a lembrança dos martyres fez-me soffrer immenso.

— Pobres camaradas, o que se teria passado?!... Mas ainda mais me commoveu o encontro das suas ossadas espalhadas nas margens do Cunene, a meio do matto, n'uma pequena clareira que as altas arvores ensombram. Jaziam espalhadas, brancas no relvedo, tibias e craneos, ossos que se misturavam, ali n'aquelle logar de derrota... Os meus homens entreolhavam-se; a disciplina reprimia-lhes os



Acampamento no Cuamato Grande

— Voltei-me então para um negro, chamado Chatirua, e disse-lhe:

— Ha alguém capaz de ser soba?

— Sim! E chamaram Popiene, o novo soba. Dei-lhe o mando; e elle — como se achasse pouco o seu nome para um soberano — delibero chamar-se Cambong (*o lobo*).

— E como se chamava o que fugiu, o nosso inimigo?!

— O do Cuamato Pequeno, chamava-se Chitaquella. O do Cuamato Grande, Chanla...

Depois o capitão Roçadas, declara: Estive quasi a apanhar este... Embragara-se e não quizera sair da embala porque o soba, quando sae á força do seu dominio, perde o prestigio! Então os seus agarraram-no, levaram-no de rastos, fugiram com elle n'um rapto estranho... Um rei bebedo que os vassallos arrastam...

gestos, mas não podia reprimir-lhes as lagrimas. Eu estava á frente d'elles, ôdescoberto, calado. Não sei o que senti... De todos aquelles bravos restava aquillo. Um montão d'ossos perdidos na região africana, um campo juncado de restos... O inimigo roubara-os, despojara-os, assassinara os feridos e deixara officias e soldados sem roupas, expostos no carreiro a terem poor jazida o estomago das feras e das aves; de rapina. Foi para ellas um festim, aquella carne fresca que era a de tantos bravos. Ha cousas em que um soldado não deve pensar...! Eu vi aquelles restos; descobri-me, julguei assistir á agonia d'esses homens, no centro d'aquella clareira maldita... Mande-i dizer uma missa por elles! N'aquelle campo ergueu-se um altar... Deante d'essas ossadas, um padre excellente e bom, o reverendo Bona-

foux, elevou a Deus e nós ouviamos-o e pensavamos nos bravos cujos ossos alvejavam ali... Penso que ao levantar a Deus, quando as cabeças se inclinam mais, aproveitou esse momento para deixar correr o prantal

Foi isto mais ou menos que o capitão Roçadas disse. Eu estava commovido; elle fixava-me e ambos nos envolvemos n'aquelle triste recordação. Era necessario sair d'esse estado, mas perguntei ainda:

— E a que attribue esse desastre?!

— A columna internára-se no matto, a 6 ou 7 kilometros, e ficou cercada no extremo da floresta. Esgotou as munições e quando quiz aguentar-se na reti-

Fugiram desordenadamente. Viram o fogo na embala e quiseram ainda voltar a apagal-o, o que foi impossivel. Os nossos respeitaram tudo. Depois da victoria não se fez mal a ninguem. E elles diziam que se soubessem que o branco era assim não lhe teriam declarado a guerra.

— Lá deixei — diz elle — 50 kilometros de linha telegraphica e 50 de linha telephonica, que vão do Cuamato Grande a Dunquene e d'aqui ao Humbe. Agora o soba perdeu o prestigio... Vencemos e eis tudo!...

Com uma simplicidade nobre, dissera estas rapi-



O 1.º tenente de marinha Leite Sepulveda e os 2.ºs tenentes Teixeira Marinho, Costa Rego e Alvaro Marha

rada não o conseguiu. E então n'aquelle carreiro, por onde vinham, ficaram os mortos... Mandei conduzir os seus ossos! Terão o seu mausoleu!...

Disse-me depois que os cuamatás eram inteligentes e cheios de independência; que o dominio portuguez estava ali assegurado e que muito concorreu para isso a generosidade com que todos trataram o gentio. No Cuamato Pequeno, a embala ardera casualmente, não porque lhe largassem fogo. Foi quando tomaram a *inhoca* (tapada). A companhia de marinha e o 12 fizeram o assalto á bayoneta. Os negros estavam preparando ao lume o seu repasto de pirão.

das cousas sobre a campanha, da qual muito ha a narrar e que não se podia obter n'uma curta entrevista feita de corrida; depois, já á porta, sempre com a mesma serena forma que guardára e que é bem sua, olhou-me, ao ouvir que lhe perguntava:

— E volta para a Africa?!

— Se volto?! Pois não hei de voltar! Lá é a minha vida. E' outro meio, outros horisontes! Aqui estiolamo-nos!

E sorriu, como a recordar a Africa, seu campo de acção, seu lugar de gloria.

ROCHA MARTINS.

